

S. Paulo 10,1,1904

Rangel:

Tua carta é um atestado da tua doença: literatura errada. Julgas que para ser um homem de letras vitorioso faz-se mister uma obsessão constante, uma conciente martelação na mesma ideia_ e a mim a coisa me parece diferente. Tenho que o bom é que as aquisições sejam inconcientes, num processo de sedimentação geologica. Quaker coisa que cresça por si, como a arvore, apenas arrastada por aquilo que Aristoteles chamava entelequia_ e que em você é o rangelismo e em mim o lobatismo. Deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cerebro. Andas a fazer com ele como os comilões ininteligentes que comem até adoecerem. Esqueça que ha literaturas no mundo e viva aí uma vida bem natural. Ande muito a pé ou a cavalo, converse com toda gente, coma bem, namore caboclinhas nas estradas, vá aos serões do senhor Cura, arrote_ e quando dormir, ronque. Verás que boa é a vida sem literatura. E tambem verás como fica boa a literaura quando o corpo está contente.

Já notei que esses constantes e permanentes contactos com as Grandes Ideias e os Grandes Prestigios operam do mesmo modo que aqueles inumeros “confortos” do Jacinto Galião das *Cidades e as Serras*. Enfaram, esmagam. Pensamos que aquilo saiu da cabeça dos autores como Minerva da cabeça de Jupiter e achamo-nos inferiores, com grande dôr do nosso amor proprio. E, perturbado, com os olhos tontos pela doença, chegas até a ver em mim *algo nuevo*, quando na realidade o que ha é um pouco da coisa saborosa que o Sieur de Montaigne inventou (literalmente): bom senso, *horse sense*, como dizem os ingleses_ senso de cavalo. O Bom Senso é a filosofia da justa medida, do ver-claro, do enxergar até de noite, como os cavalos.

Perguntas quantas horas “literalizo”. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com appetite. Não troco uma conversa com uma macaquinha (o sexo na mulher corrige a banalidade, no homem agrava-a, diz Machado) pela melhor tragedia de Euripedes, porque por mais banal que seja a moça é sempre mais humana que um livro_ e o humano quer o humano. Ler e comer, só quando ha appetite; fora daí é uma insuportavel *corvée*. Tambem não escrevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham_ ou quando o Benjamim me *força* a escrever. Neste caso é o meio de ver-me livre do Benjamim. Não tenho horas prediletas_ minhas horas são as que coincidem com a disposição. Ha horas em que nos sentimos extraordinariamente aptos para pensar e tudo nos vem facil e claro. Outras ha em que estamos imaginosos, todo cheios de casulos a picarem, como ovo na hora de sair do pinto. Queira você tirar o pinto antes do tempo_ o pinto morre.

Estomago e cerebro: duas respeitabilidades. Respeitemo-las, Rangel.

Estou de viagem para Taubaté, onde vou ganhar dinheiro e junta-lo para o sonhado *tour du monde*. Podias te mudar para lá e organizariamos o trust da advocacia no Norte de São Paulo. O Benjamim seria o nosso representante em Pinda e o Pereira de Matos em Caçapava. *Sare*, homem! Estás malissimo de engurgitamento literario. Vomite o Flaubert.

LOBATO

P.S._ Ontem, no Largo do Rosario, classificamos a Cainçalha (não é mais o Cenaculo). Ricardo: Cão Lirico que ladra á lua; Tito, Cão Rafeiro, ou como propôs o Raul, Cachorro, só, sem mais nada; Lobato: Buldogue; Edgard: Cão de Fila; Raul: cachorrinho de estimação ou cãozinho de colo; Candido: Cão de Raça; Rangel: Cachorro de caipira; Lino: Cachorro que late e não morde; Tito Franco: Perro Imundo; Nogueira: Podengo de Clerigo; Julio Costa: Cachorro Ensinado; Albino: o Cunegundes. Lembra-te o Cunegundes, aquele vira-lata que vivia pelos cafés e restaurantes, um velho cachorro atôa, sem dono?

LOBATO